

ORFEU: O MITO, O FILME E A TRADUÇÃO

ORPHEUS: THE MYTH, THE FILM AND THE TRANSLATION

Jacquelyne Taís Farias Queiroz⁵¹
Marlúcia Mendes da Rocha⁵²

Recebido em 31 de março de 2025

Aceito em 30 de abril de 2025

RESUMO:

As narrativas míticas gregas antigas são constantemente utilizadas como fonte de inspiração para a composição de produções filmicas. Podemos perceber que em muitas dessas produções as narrativas são traduzidas; ou seja, são recontadas em contextos diferentes que possibilitem a discussão até mesmo de questões de nosso tempo. Desta maneira nos propomos a identificar como ocorreu o processo de tradução do mito de Orfeu e Eurídice na produção cinematográfica brasileira *Orfeu* (1999) em três momentos nos quais percebemos possíveis traduções: da floresta e da favela, do Tártaro e da ribanceira dos mortos, o destino de Aristeu e do personagem Lucinho. Ao analisarmos o mito de Orfeu e Eurídice e a produção filmica *Orfeu* (1999) identificamos como o diretor *Carlos Diegues* traduziu tais aspectos do mito grego para o contexto brasileiro do século XX e como nos contemplou com o seu ponto de vista ao dar destino impar aos personagens da trama.

Palavras-chave: mito grego; Orfeu; cinema; tradução.

ABSTRACT:

Ancient Greek mythical narratives are constantly used as a source of inspiration for the composition of film productions. We can see that in many of these productions, the narratives are translated; that is, they are retold in different contexts that enable discussions, even about issues of our own time. In this way, we propose to identify how the process of translating the myth of Orpheus and Eurydice occurred in the Brazilian film production *Orfeu* (1999) in three moments where we perceive possible translations: from the forest to the favela, from Tartarus to the ravine of the dead, and the fate of Aristaeus and the character Lucinho. By analyzing the myth of Orpheus and Eurydice and the film *Orfeu* (1999), we identify how director Carlos Diegues translated these aspects of the Greek myth into the Brazilian context of the 20th century and how he presented us with his perspective by giving a unique fate to the characters in the story.

Keywords: Greek myth; Orpheus; cinema; translation.

Os mitos gregos antigos encantam e são utilizados como inspiração para muitos até hoje. Mito seria um conjunto de pequenas narrativas (Malta, 2006,

⁵¹ Possui licenciatura em *História* (UESC), mestrado em *Letras: Educação, Cultura e Linguagens* (UESB) e doutorado em *Letras: Representação e Linguagens* (UESC). Contato: jacquelynequeiroz@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5291-5259>.

⁵² Professora Adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) ligada ao programa de pós graduação em *Letras: Representação e Linguagens*. Contato: mmrocha@uesc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9509-2478>.

p.21), que dependem da memória, da tradição e da oralidade para existirem, sendo que reconta-la na vida cotidiana é condição especial para sobreviver, pois se “[...] relegado ao fundo das bibliotecas, imobilizado na forma de textos, acaba se tornando uma referência erudita para a elite de leitores especializados em mitologia (Vernant, 2000, p.12).

Dessa maneira os mitos gregos vivem na cultura brasileira sendo recontados e lembrados nas mais diversas formas possíveis, inclusive pela literatura e pelos meios de comunicação como as novelas, filmes e seriados. Recentemente foi publicado o livro *Recepção dos mitos gregos na dramaturgia brasileira* (2021) que reuniu o resultado de pesquisas de diversas áreas que identificaram como as narrativas míticas clássicas são revisitadas, retomadas e como proporcionam a oportunidade da realização de uma “[...] reescritura dramática mitológica em terras brasileiras [...]” (Araújo; Prezotto; Silva, 2021, p.8).

A mestiçagem cultural promove o encontro dessas duas culturas sempre resultando em algo novo. Então, assim percebemos que a Antiguidade se faz presente na atualidade já “[...] reformulada pelas múltiplas visões e interesses do presente, muitas vezes percebidos por vieses de classe, raça e gênero [...]” (Gralha; Garaffoni; Funari; Rufino; Silva, 2019, p.11).

Assim os mitos gregos antigos são fontes de inspiração para produções fílmicas brasileiras, como o mito de Orfeu e Eurídice. O poeta latino Ovídio⁵³ reescreve esse mito grego no século I d.C, apesar de estar contextualizado em outra sociedade, levamos em consideração o que registrou sobre o mito de Orfeu porque como menciona Vernant (2006, p.25), mesmo que um poeta deseje reescrever um mito que já existe, este não pode reescrevê-lo obedecendo somente à sua imaginação criativa, pois

[...] Até mesmo nas variações às quais se presta, um mito obedece a limitações coletivas bastantes estritas. [...] Ele se inscreve em uma tradição; quer se molde a ela com exatidão; quer se afaste em algum

⁵³ Poeta latino que viveu entre no Império Romano. Nasceu em 43 a.C. e faleceu durante o seu exílio entre 17 e 18 d.C. (Dias, 2019, p.33).

ponto, é sustentado por ela, pelo menos implicitamente, se quiser que sua narrativa seja entendida pelo público. (Vernant, 2006, p.25).

No Livro X de *Metamorfoses*, Ovídio nos conta o mito de Eurídice e Orfeu. Menciona que Eurídice quando caminhava em uma floresta foi picada por uma serpente e morreu. Orfeu ao ser noticiado do ocorrido, movido pela paixão, desce ao Mundo Subterrâneo, armado de sua lira e canto conseguiu convencer o deus Hades e a deusa Perséfone a trazer de volta Eurídice para o mundo dos vivos. Hades, porém colocou a condição que ao retornar para a superfície Orfeu jamais deveria olhar para trás. Seguindo a determinação de Hades, Orfeu se pôs a realizar a viagem de volta com Eurídice, mas o medo e a ansiedade em vê-la, o fez voltar o olhar, fazendo sua amada desaparecer diante de seus olhos. Orfeu ficou tão desolado com a segunda morte de Eurídice que ficou refugiado em uma caverna durante meses e rejeitou relacionar-se com qualquer outra mulher.

Esse mito é recontado no filme brasileiro *Orfeu* lançado em 1999, com a direção de Cacá Diegues⁵⁴. O seu roteiro é baseado na peça *Orfeu da Conceição* escrito pelo poeta Vinícius de Moraes em 1956⁵⁵, onde o poeta se inspirou no mito grego de Orfeu e Eurídice para compor a narrativa.

O filme *Orfeu (1999)* é contextualizado nas favelas do Rio de Janeiro no século XX em meio ao conflito existente entre a política e o tráfico de drogas. Sua narrativa acontece durante o Carnaval e retrata a história de amor entre Orfeu (músico e compositor de uma escola de samba) e Eurídice (que acaba de perder a mãe e vir do Acre para recomeçar a vida). Ambos se apaixonam e decidem viver esse amor, porém Lucinho (chefe do tráfico local) intervém drasticamente no destino do casal. Nesse novo contexto é apresentado um Orfeu

⁵⁴ O filme possui 110 minutos de duração. O roteiro foi composto por: Carlos Diegues, João Emanuel Carneiro, Paulo Lins, Hamilton Vaz Pereira e Hermano Vianna. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/orfeu/>. Acesso em: 12 ago. 2020.

⁵⁵ Em 1956 a peça *Orfeu da Conceição* estreou no Rio de Janeiro e os atores que encerraram a peça compunham do *Teatro Experimental do Negro de Abdias Nascimento*. Da peça adveio o livro, o disco e uma produção fílmica franco-italiana em 1959 dirigida por Marcel Camus denominada *Orfeu Negro*. Ganhou diversos prêmios: a *Palma de Ouro* em 1959, *Melhor Filme Estrangeiro* no Oscar e o *Globo de Ouro* de 1960. Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/teatro/orfeu-da-conceicao>. Acesso em: 12 ago. 2020.

irresistível, sedutor, dono de uma voz que proporciona encanto, pois as mulheres não resistem a ele e os homens não conseguem discordar de sua fala.

As narrativas e literatura constantemente utilizadas como fonte de inspiração para a composição de produções fílmicas. Com os avanços dos estudos tem-se percebido que tais obras não são mais meras rerepresentações que buscam a fidelidade em relação a tais fontes, mas valoriza-se as tais obras como adaptações (Maziero, 2016, p.2). Pois “Adaptar/traduzir diz respeito, muitas vezes, a contar uma mesma história sob o ponto de vista diverso, ainda não explorado, utilizando-se da transposição de uma determinada obra, seja através da mudança de meio ou de contexto” (Maziero, 2016, p.7). Ou seja, recontando uma narrativa antiga em contextos diferentes e algumas vezes peculiares.

Sanders (2006 apud Maziero, 2016, p.7) afirma que a adaptação oferece um ponto de vista diferente oferecido pelo original, inclusive até mesmo proporcionando voz à personagens ou sugerindo hipóteses que na literatura não foram ressaltados ou evidenciados.

Maziero (2016, p.9) compreende que as adaptações tem a possibilidade de ser percebidas como formas de transcódificações que oferecem o surgimento de um produto novo que se difere em muito da fonte do que o originou. A autora ainda nos fala acerca das traduções, que podem ser entendidas como “[...] processo de transformação de um texto, para torna-lo acessível em outro contexto”, onde o tradutor tem a oportunidade de “[...] demonstrar a sua participação no processo de um novo texto, processo que nunca é neutro, mas geralmente compreende a intervenção de alguém, que escolhe quais sentidos manter ou alterar” (Maziero, 2016, p.11). A tradução aqui nos proporcionou um tem produto novo.

A linha de raciocínio da autora nos faz lembra que a mestiçagem cultural produz uma tradução cultural, ou seja, onde o encontro de culturas origina uma terceira possibilidade de ser e de existir. Cada mestiçagem é peculiar e original, pois o resultado desse encontro cultural vai “[...] manter-se desconhecido” (Laplantine; Nouss, 2001, p.10).

Desta maneira nos propomos a identificar de maneira breve como ocorreu o processo de tradução do mito de Orfeu e Eurídice na produção cinematográfica *Orfeu* em três momentos nos quais percebemos possíveis relações: da floresta e da favela, do Tártaro e da ribanceira dos mortos, o destino de Aristeu e Lucinho.

A floresta e a favela

Segundo Brandão (1991, p.141) o estudo etimológico da palavra Orfeu revela a sua relação com o termo escuridão. Segundo o autor, essa relação existe devido às antigas narrativas gregas que retratavam a descida do herói às profundezas do mundo inferior.

Kerényi (2015, p.259) também menciona que Orfeu era filho da deusa Calíope e do mortal Eagro, que em grego significa “caçador selvagem” ou “o que caça sozinho”, o que nos faz perceber a origem da intimidade do herói em relação à natureza. Ainda segundo o autor, as artes com a lira e com o canto lhe foram ensinados pelo deus Apolo, o qual foi considerado por muitos como seu pai divino. Eurípedes⁵⁶ na tragédia *Bacas* menciona que a região do Olimpo tinha uma variedade arbórea, pois “[...] Orfeu a tocar cítara/ reuniu feras árvores com Musas,/ reuniu feras agrestes” (Eurípedes, *Bacas*, v. 560-564)

Stephanides (2015, p.35) menciona que Orfeu era um argonauta⁵⁷ e que entoava cantos tão fantásticos que “[...] até as feras o seguiam”. Ele era famoso por usar como arma uma lira e ter vencido Caronte, o barqueiro que conduzia as almas dos mortos pelo rio Estige até a entrada do Tártaro que não permitia a entrada de nenhum vivo no mundo dos mortos (Stephanides, 2015, p.42).

Com a lira e seu canto, Orfeu reunia em torno de si as árvores e os animais selvagens, pois ele se mostrava como “[...] o deus a cuja música criaturas selvagens, o lince, o leão e o veado, se rendiam [...]” (KERÉNYI, 2015, p. 258). As aves lhe rodeavam a cabeça e os peixes saíam das profundezas do oceano para encontrá-lo. A sua lira colocava até as pedras e as árvores em movimento

⁵⁶ Tragediógrafo grego, viveu em Atenas no século V a.C. (Romilly, 2011, p.129).

⁵⁷ Grupo de heróis gregos liderados por Jasão e que tinham como objetivo resgatar um toção de ouro (velocino de ouro).

pois “O feito que somente Orfeu realizou com o seu canto, submetendo tudo que era agreste, até os poderes selvagens do mundo subterrâneo, lhe abriu caminho até Perséfone”. (Kerényi, 2015, p.258).

Podemos perceber a intrínseca relação de Orfeu com os elementos que compõem a floresta e o selvagem. A palavra selvagem advém do termo grego *agrios/agros*, Vernant (2008, p.227) nos esclarece, tomando como ponto de partida o pensamento dicotômico do cosmos, que os gregos antigos relacionavam o termo *agrios* em contra posição aos *oikos* (o mundo das cidades e das casas) e aos campos cultivados. O *agrios* é um espaço aberto, destinado à condução dos animais e à prática da caça.

A *Ilíada* e a *Odisseia* são consideradas por muitos estudiosos como uma enciclopédia homérica (Havelock, 1996, p.79), então os poemas que os compõem têm muitos a nos dizer da maneira com os gregos antigos pensavam a acerca de usos e costumes. Malta (2006, p. 38) nos diz que o termo selvagem (*ágrios*) dentro da poesia homérica está relacionado a desmedida, à desordem, à falta de controle e ao impulso. Orfeu reina nesse mundo selvagem, ele torna doce os animais selvagens, conduz as árvores e os rebanhos.

No filme *Orfeu*(1999) percebemos a tradução do ambiente da favela como a floresta selvagem, descontrolada, mas que possui essência, um ritmo próprio, uma organização autônoma assim como a natureza. Em meio à turbulência gerada entre o conflito da polícia com o tráfico, o personagem Orfeu consegue ser ouvido, respeitado e muitas vezes atendido, intervindo diretamente nas ações policiais ou em situações que envolviam os traficantes. Ora pedindo a favor de algum morador ou exigindo que, tanto policiais quanto traficantes, se retirassem da favela quando necessário.

Assim os sargentos, chefes do tráfico e mulheres apaixonadas se tornam mansos e obedientes diante de Orfeu, porque o seu canto conduz a todos à seu modo. E assim como no mito grego antigo, o Orfeu (personagem da filmografia brasileira) consegue desta maneira viver na favela, seu reinado, onde todos da trama o reconhecem como importante e até mesmo como organizador do caos.

O tártaro e a ribanceira dos mortos

O inferno cristão é usualmente associado ao calor, ao fogo e à tortura. Mattos (2020, p.98) menciona que ao se ler a descrição do Inferno no Apocalipse bíblico é necessário:

“[...] imaginar as fortes cenas, quase sentir os terríveis odores do fogo e dos fluidos corporais e também as dores descritas pelas torturas sofridas no Inferno para não se aproximarem das práticas inadequadas e ao mesmo tempo, saber que seus praticantes encontrariam seus destinos no Além”.

Tal imagem povoa o imaginário cristão ocidental moldado a partir do século XI, sempre sendo retratado com cores quentes. Desde a Idade Média o Inferno é representado desta maneira nas iluminuras, vitrais, gravuras, pinturas nas catedrais, nas obras de arte e na literatura. Na Idade Moderna e contemporânea ainda se retrata um Inferno pintado com a “cartela de cores” medievais cristã que nos remeta ao vermelho, ao calor e ao fogo.

Na cultura grega antiga as almas de todos os mortos se dirigiam ao Tártaro. Local que se encontra no interior da terra e a sua entrada ficava no Cabo Tênaros⁵⁸ ou em uma caverna em Cumas⁵⁹ (Brandão, 1991, p.315). O poeta Homero nos descreve o Hades⁶⁰ como sendo um ambiente “tétrico, bolorento que imortais odeiam” (*Ilíada*, 20, 61-65), relacionando sempre o Hades à escuridão e ao bolor (*Odisseia*, 14, 5-10). Sendo ainda apelidado como o “reino da escuridão sem sol” (Kerényi, 2015, p.223). Ou seja, o imaginário que as narrativas e a literatura grega antiga nos apresenta sobre o mundo dos mortos é de um local onde o sol não alcança, por isso à associação à escuridão, à umidade, ao odor e ao frio. Fazendo uma contra posição bem clara à ideia cristã ocidental que se tem do mundo ífero.

Na narrativa grega antiga, Orfeu louco de paixão, inconformado por ter perdido sua amada ele desce ao Tártaro à sua busca (*Metamorfoses*, 10, 8-10).

⁵⁸ Sul do Peloponeso (Grécia).

⁵⁹ Magma Grécia (sul da Itália)

⁶⁰ Aqui estou me referindo ao local e não à divindade.

Assim com o personagem do filme *Orfeu* (1999) desce uma ribanceira em busca do cadáver de sua amada. Tal cena é retratada durante uma chuva à noite, evidenciando o úmido e a escuridão.

Ainda nos referindo à produção cinematográfica, o personagem Orfeu procura o cadáver de Eurídice em meio a outros cadáveres. Ao encontra-la este a leva para fora da ribanceira. Em um resultado diferente do mito original em que Orfeu não consegue resgatar Eurídice do Hades. No filme, Orfeu consegue reaver Eurídice, porém esta continua morta. Aqui percebemos outra questão sendo traduzida pelo diretor do filme em relação ao mito utilizado como fonte de inspiração. A questão da inversão da ordem dos mundos, pois teremos um vivo entre os mortos, quando Orfeu desce a ribanceira; e, ao retirar Eurídice de lá colocou-se uma morta entre os vivos.

O desfecho de Aristeu e Lucinho

Tanto nas narrativas antigas quanto no filme *Orfeu* (1999) Eurídice é cobiçada. No mito é Aristeu⁶¹ quem a persegue enquanto que no filme é o personagem Lucinho. Em ambos a perseguição tem desfecho trágico, pois ao Aristeu perseguir Eurídice com a intensão de violentá-la, durante a fuga, ela é picada no tornozelo por uma serpente e vem a falecer (Kerény, 2015, p.261). Na obra fílmica, Eurídice ao tentar se desvencilhar dos beijos forçados de Lucinho, este atira no chão e por acidente, o projétil ricochiteia em uma pedra acertando em cheio Eurídice que cai morta.

Orfeu no mito não se preocupa em castigar Aristeu, ele se atém a encontrar uma solução para rever a sua amada iniciando assim que possível a sua jornada ao mundo inferior para resgatá-la. Enquanto que no filme, Orfeu enfrenta Lucinho e o mata, somente após esse desfecho, o herói desce à ribanceira em busca do cadáver de Eurídice.

O filme *Orfeu* (1999) é uma tradução do mito para outro contexto, ou época. O autor ofereceu um desfecho diferente. Na cultura grega antiga, o

⁶¹ Pastor e apicultor que vivia na Tessália (Kerény, 2015, p. 261). Filho de Apolo (Brandão, 1991b, p. 85)

indivíduo era responsabilizado por seus próprios erros, independente da percepção da consciência de suas atitudes ou não, pois não existia a concepção de culpa, pecado ou perdão. Tais questões são pertencentes ao cristianismo ocidental.

Orfeu não procura Aristeu para um acerto de contas e desta deixa o destino de Aristeu nas mãos dos deuses, porque mais cedo ou mais tarde ele sofreria a consequência do ato que cometeu, mesmo ele tendo se arrependido de suas atitudes ou não. Cacá Diegues, no filme *Orfeu* (1999) nos proporciona o que talvez na sua concepção deveria ter acontecido, Lucinho como causador de tal infortúnio também deveria morrer, não pelo acaso do destino ou por maquinação dos deuses, mas pelas mãos de Orfeu.

Considerações finais

Observando produções fílmicas que buscaram recontar mitos antigos podemos perceber no seu processo de tradução de certa forma a mestiçagem que nos fala Laplantine e Nouss (2001, p.80), porque “[...] não é um ou outro, mas um e outro, nem um tornando-se o outro, nem o outro absorvido pelo um. O pensamento da mestiçagem é um pensamento da mediação e da participação em pelo menos dois universos” (Laplantine; Nouss, 2001, p.80). E no processo de releitura, de tradução se resulta um ou outro produto, algo novo, se diferenciando da proposta da narrativa grega antiga original (Maziero, 2016, p.12).

Podemos observar tais questões ao percebemos como o diretor do filme *Orfeu* (1999) traduziu a favela enquanto uma floresta e local de atuação de Orfeu. Assim como no livro *Metamorfoses* escrito por Ovídio, onde a floresta é local onde Eurídice morre e Orfeu atua através do fascínio sobre as árvores e animais selvagens, no filme, Carlos Diegues faz da favela o seu cenário, porque é lá que Lucinho por acidente mata Eurídice e onde o sambista se torna uma espécie de pequeno rei sendo amado, respeitado e ouvido pelos moradores, pelos traficantes e pela polícia.

A crença religiosa grega antiga afirmava que uma caverna localizada ao sul da região do Peloponeso era a entrada para o Mundo dos Mortos (Brandão, 1991, p.315). O que se faz necessário novamente ressaltarmos os âmbitos dos acontecimentos desse mito e a sua relação com a área rural, distante da área urbana do período. Fica claro para nós então a tradução do diretor do filme ao colocar dentro da favela um local para os mortos, fazendo de uma ribanceira um local ideal de destino para as pessoas executadas pelas leis do tráfico. Local este úmido, frio e escuro assim como as descrições sobre o Tártaro na literatura grega.

No mito Aristeu causa a morte acidental de Eurídice, enquanto que no filme quem causa a sua morte é Lucinho. A tradução do mito também se fez presente no filme ao diretor Carlos Diegues proporcionar ao personagem Lucinho um desfecho diferente do de Aristeu. O personagem Orfeu mata Lucinho. Desta maneira observamos que a tradução vai além de adaptação da obra a outro contexto, mas reconta uma mesma história, explorando outros pontos de vista ou sugerindo outras hipóteses e até mesmo outros desfechos.

Referências:

Fontes:

EURÍPEDES. **Bacas**. Edição bilíngue grego-português. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: HUCITEC, 1995.

HOMERO. **Ilíada**. Edição bilíngue grego-português. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: 34, 2020.

HOMERO. **Odisseia**. Edição bilíngue grego-português. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo. 34, 2012.

ORFEU. Direção: Cacá Diegues. Brasil: Globo Filmes, 1999.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Edição bilíngue grego-português. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: 34, 2019.

Estudos Modernos:

ARAÚJO, L.; PREZOTTO, J.; SILVA, R. C. (orgs). **Recepção dos mitos gregos na dramaturgia brasileira**. v. 1. Catu: Bordô-Grená, 2021.

BRANDÃO, J. de S. **Mitologia Grega**. v. I. Petrópolis: Vozes, 1991a.

BRANDÃO, J. de S. **Mitologia Grega**. v. II. Petrópolis: Vozes, 1991b.

- DIAS, D. L. Nota introdutória. In: OVÍDIO. **Metamorfoses**. Edição bilingue grego-português. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: 34, 2019. p. 33-39.
- GRALHA, J.;GARRAFFONI, R.S.; FUNARI, P.P.;RUFINO, R.; SILVA, G. J. da. Introdução. In: GRALHA, J.;GARRAFFONI, R.S.; FUNARI, P.P.;RUFINO, R.; SILVA, G. J. da. [org.]. **Antiguidade como presença**: antigos, modernos e os usos do passado. Curitiba: Appris, 2019. p. 11-15.
- HAVELOCK, E. A. **Prefácio à Platão**. Campinas: Papyrus, 1996.
- KERÉNYI, K. **A mitologia dos gregos**: a história dos deuses e dos homens. v. I. Petrópolis: Vozes, 2015.
- LAPLANTINE, F; NOUSS, A. **A mestiçagem**. São Paulo: Instituto Piaget, 2001.
- MALTA, A. **A selvagem perdição**: Erro e ruína na Ilíada. São Paulo: Odysseus, 2006.
- MATTOS, C. E. Um Inferno para ser visto: O Apocalipse de Pedro e os sofrimentos físicos dos condenados. **Revista Caminhando**. v. 25, n. 1, p. 87-100, jan./abr. 2020.
- MAZIERO, A. C. A Literatura na mídia: adaptação, tradução e ressignificação de textos literários. **3º Encontro Centro-Oeste de História e Mídia**. 2016. Disponível em:
<file:///C:/Users/Jack/Downloads/A%20literatura%20na%20midia%20adaptacao-%20traducao%20e%20ressignificacao%20de%20textos%20literarios.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.
- ROMILLY, J. **Compêndio de literatura grega**. Lisboa: 70, 2011.
- STEPHANIDES, M. **Jasão e os argonautas**. São Paulo: Odysseus, 2015.
- VERNANT, J. P. **Mito e pensamento entre os gregos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- VERNANT, J. P. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- VERNANT, J. P. **O universo, os deuses e os homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.